

**FUNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**  
**CURSO DE ARTES VISUAIS- BACHARELADO**

**GISELE JANUÁRIO GONÇALVES**

**DESLOCAMENTO NA PAISAGEM:  
ENTRE CHEGADAS, PARTIDAS E DEAMBULAÇÕES**

**CRICÍUMA-SC**

**2019**

**GISELE JANUÁRIO GONÇALVES**

**DESLOCAMENTO NA PAISAGEM:  
ENTRE CHEGADAS, PARTIDAS E DEAMBULAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Ma. Odete Angelina Calderan.

**CRICIÚMA**

**2019**

**GISELE JANUÁRIO GONÇALVES**

**DESLOCAMENTO NA PAISAGEM:  
ENTRE CHEGADAS, PARTIDAS E DEAMBULAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 27 de novembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais - (UFSC) -  
Orientadora

---

Profa. Angelica Neumaier - Mestre em Educação - (UNESC)

---

Profa. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestre em Ciências da  
Linguagem - (UNISUL)

**Dedico esse trabalho para todos  
aqueles que prezam as diversas  
maneiras de fazer arte.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, pelo apoio e por todo o suporte que me concedem diante das minhas concepções e nesses anos de graduação.

Alanhouse Sun Shine, que ao longo dos últimos quatro anos (e mais um pouco) vem me dando vários descontos nas impressões e cópias de documentos e imagens diversas.

Aos meus amigos Ismael, Sheila, Alex e Tailan, que aceitaram o meu convite me acompanhando na realização de vários registros para minha pesquisa.

À Alice Justo, que editou algumas fotos e criou uma ilustração para a minha escrita, mesmo após um pedido apressado.

À minha orientadora e também professora Odete, pelas conversas inspiradoras, conselhos e trocas de experiências sempre de maneira tão especial e gentil.

Aos meus amigos do curso e de sala, gratidão pelas amizades e mais ainda pelas risadas.

Essa estrada vai longe  
mas se for  
vai fazer muita falta

**Paulo Leminski**

## RESUMO

A presente pesquisa, intitulada *Deslocamento na paisagem: entre partidas, chegadas e deambulações*, está inserida na linha de Processos e Poéticas: Linguagens, do curso de Artes Visuais - Bacharelado. É uma pesquisa em arte, situada como pesquisa narrativa e apresenta como problematização: como o deslocamento e as experiências na paisagem, entre chegadas, partidas e deambulações se relacionam na produção artística? Conectada ao deslocamento, como tema busque trazer as experiências relacionadas aos trajetos percorridos, e por vezes, acarretava em deambular propositalmente percorrendo avenidas e bairros da cidade como processo de pesquisa. A abordagem parte inteiramente de mim como artista de viagens breves com prática mobilizadora de percepções e ações sobre o cotidiano, a vida e a cidade. Para tratar das questões enfatizadas, faço uso da revisão bibliográfica amparando-me em autores que abordam a temática proposta, entre os quais evidencio: Careri (2013), Salles (2009), Clandinin e Connelly (2011), Pirsig (1984), Onfray (2009), Maderuelo (2005), Terra e Dias (2008) e as artistas Flávia Junqueira e Karina Dias. Em decorrência da pesquisa, tem-se como resultado uma intervenção na paisagem chamada “Declarações Afetivas”, que será apresentada em exposição na Sala Edi Balod. Assim, finalizo com algumas considerações acerca dessa narrativa que tratou do deslocamento entre partidas, chegadas e deambulações possíveis com minha *web*.

**Palavras-chave:** Processo de criação. Deslocamento. Experiência. Intervenção na Paisagem.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1-</b> <i>Eu e Você</i> , (2015). Fotografias e fragmento de um poema de Paulo Leminski. Caixa de MDF, 12x 23 cm.....	12
<b>Imagem 2-</b> Linhas Sinuosas (2017). Desenho com lápis de cor s/ sulfite.....	14
<b>Imagem 3-</b> Diagrama: fotografias de trabalhos de períodos distintos (2019)...	15
<b>Imagem 4-</b> Registro em frente à minha casa (2019).....	21
<b>Imagem 5-</b> Cena do filme “Diário de Motocicleta” (2004).....	24
<b>Imagem 6</b> -Fotografia percorrendo a Rodovia Antônio Just, Criciúma (2019)..	25
<b>Imagem 7</b> Fotografia percorrendo a Rodovia Antônio Just, Criciúma (2019)....	26
<b>Imagem 8</b> -Porteira de madeira, na Rodovia Antônio Just, Criciúma (2019) .....	27
<b>Imagem 9-</b> Intervenção em trajeto da Rua Três Ribeirões, Içara (2019).....	32
<b>Imagem 10-</b> Intervenção em trajeto da Rua Duque de Caxias, Içara(2019)..... ...33	
<b>Imagem 11</b> –“A Casa em Festa” (2010).....	34
<b>Imagem 12-</b> Karina Dias. Trilha (2002).....	36
<b>Imagem 13-</b> Karina Dias. Detalhe (2002).....	36
<b>Imagem 14-</b> Convite da exposição. (2019).....	37
<b>Imagem 15-</b> Montagem da Intervenção <i>Declarações Flutuantes</i> (2019).....	38
<b>Imagem</b> <b>16</b> <i>-Declarações Flutuantes</i> ,2019.....	39
<b>Imagem 17-</b> Com LeyneLiveira, Larissa Soares, Gisele Gonçalves, Bianca Ricken, Tailan Borges, GiannaRech e Helen Macedo (2019).....	39



## SUMÁRIO

1 MOTOR DE PARTIDA .....	11
2 TRAVA INTERNA/ METODOLOGIA.....	15
3 ACENDENDO OS FARÓIS.....	17
4 CALIBRANDO OS PNEUS: PROCESSO DE INTERVENÇÃO NA PAISAGEM.....	23
5 A NÃO CHEGADA.....	35
REFERÊNCIAS.....	37



**Fruto suspenso  
a que susto  
pertencço?**

## 1 MOTOR DE PARTIDA

Desde minha adolescência, sempre me fascinou observar a paisagem, as casas e os caminhos particulares que levam até a elas no percurso que eu e minha família fazíamos (e ainda fazemos) para visitar meus avós maternos, entre as cidades de Içara - onde resido - e Turvo (SC). Alguns desses lugares eram arborizados com charmosas cercas verdes, outros formavam caminhos com pedras caiadas de branco, outros tinham portões de madeira, no entanto, outros eram apenas caminhos simples de terra e ainda havia aqueles que formavam trajetos em mais de uma direção pelas marcas deixadas com o ir e vir das pessoas.

Um acontecimento importante marcou o meu décimo oitavo aniversário, quando ganhei de presente do meu pai uma motocicleta *web* 100. Nesse mesmo período entrei no Curso de Artes Visuais - Bacharelado e a “motinha” passou a ser meu meio de transporte, minha companheira e guerreira nas idas e vindas à universidade. A prefeitura da cidade onde moro disponibiliza ônibus aos estudantes, mas por diversos motivos recorri à minha “vermelhinha” à minha *web*<sup>1</sup>. Nesses quatro anos, fomos inseparáveis.

No decorrer do curso, precisamente na terceira fase, na disciplina de Desenho Contemporâneo, uma das atividades propostas pelas professoras<sup>2</sup> era para que criássemos uma lista de exercícios. A primeira sugestão da lista me chamou a atenção: “criar paisagem com palavras a partir dos poemas ou letras de música”. Naquele momento, percebi que poderia desenvolver trabalhos a partir da paisagem pensando em trajetos.

Foi assim que as investigações começaram. Passei a percorrer a pé o meu bairro, Nossa Senhora de Fátima, e bairros vizinhos com a intenção de fotografar a paisagem. Vale ressaltar que “o caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados.” (CARERI, 2013, p. 51)

Foram dias e mais dias de registros fotográficos. Após a escolha das imagens, realizei uma edição buscando alterar a tonalidade, pois queria que as fotos ficassem com um ar de nostalgia. Em outro momento, escolhi uma caixa

---

<sup>1</sup> *Web* é o nome da minha motocicleta.

<sup>2</sup> Professoras Izabel Duarte e Odete Calderan.

e coloquei dentro as fotografias. No fundo da caixa,colei o fragmento de um poema de Paulo Leminski<sup>3</sup> (Imagem 1).



**Imagem 1** - Eu e Você, (2015). Fotografias e fragmento de um poema de Paulo Leminski. Caixa de MDF, 16 x 23 cm.  
Fonte: Acervo Pessoal

Estava interessada e lendo muitos poemas de Paulo Leminski, o que, confesso, contribuiu muito para lembrar a percepção que tinha de adolescente ao observar a paisagem ligada a trajetos. Percebo que um dos motivos que me levou a gostar da poesia de Leminski é que ela vem impregnada de humor e ironia em grande parte da escrita. O escritor também faz uso de recursos visuais, de provérbios e trocadilhos da cultura popular<sup>4</sup>.

O poema escolhido para o trabalho *Eu e Você* foi um fragmento de “O Velho Leon e Natália em Coyoacán”<sup>5</sup>, que dialoga de maneira sensível com os

---

<sup>3</sup> Paulo Leminski nasceu em Curitiba em 1944. Foi poeta, romancista, tradutor, compositor, biógrafo e ensaísta, além de faixa preta de judô. Disponível em: <http://marcoplacido.blogspot.com/2013/06/leminski-o-velho-leon-e-natalia-em.html>. Acesso em: 11 set. 2019.

<sup>4</sup> A parte visual de seus poemas está mais presente na série “Sol-te” em que utiliza diferentes fontes e corpos de letras e recursos de diagramação.

<sup>5</sup> Há 75 anos, no sombrio 21 de agosto de 1940, o revolucionário russo León Trótski morria no México. Na véspera, um agente stalinista o golpeara com uma picareta, na casa onde o antigo

caminhos fotografados, remetendo àqueles dias bons e que, pela mudança de planos e destinos, tornaram-se dias singulares. Abaixo, um trecho do poema de Leminski:

Desta vez não vai ter neve como em petrogrado aquele dia  
o céu vai estar limpo e o sol brilhando  
você dormindo e eu sonhando  
nem casacos nem cossacos como em petrogrado aquele dia  
apenas você nua e eu como nasci  
dormindo e sonhando  
nunca mais vai ter um dia como em petrogrado aquele dia  
nada como um dia indo atrás do outro vindo  
(LEMINSKI, 2013, p.64)

O encontro com a poesia de Leminski despertou uma relação muito significativa no meu processo de percepção quanto à densidade das palavras e à compreensão da palavra escrita como parte do trabalho. Além disso, a compreensão de como a palavra se torna de certa forma palpável no mundo a partir do momento em que o artista desenvolve conexões reflexivas e de criação.<sup>6</sup>

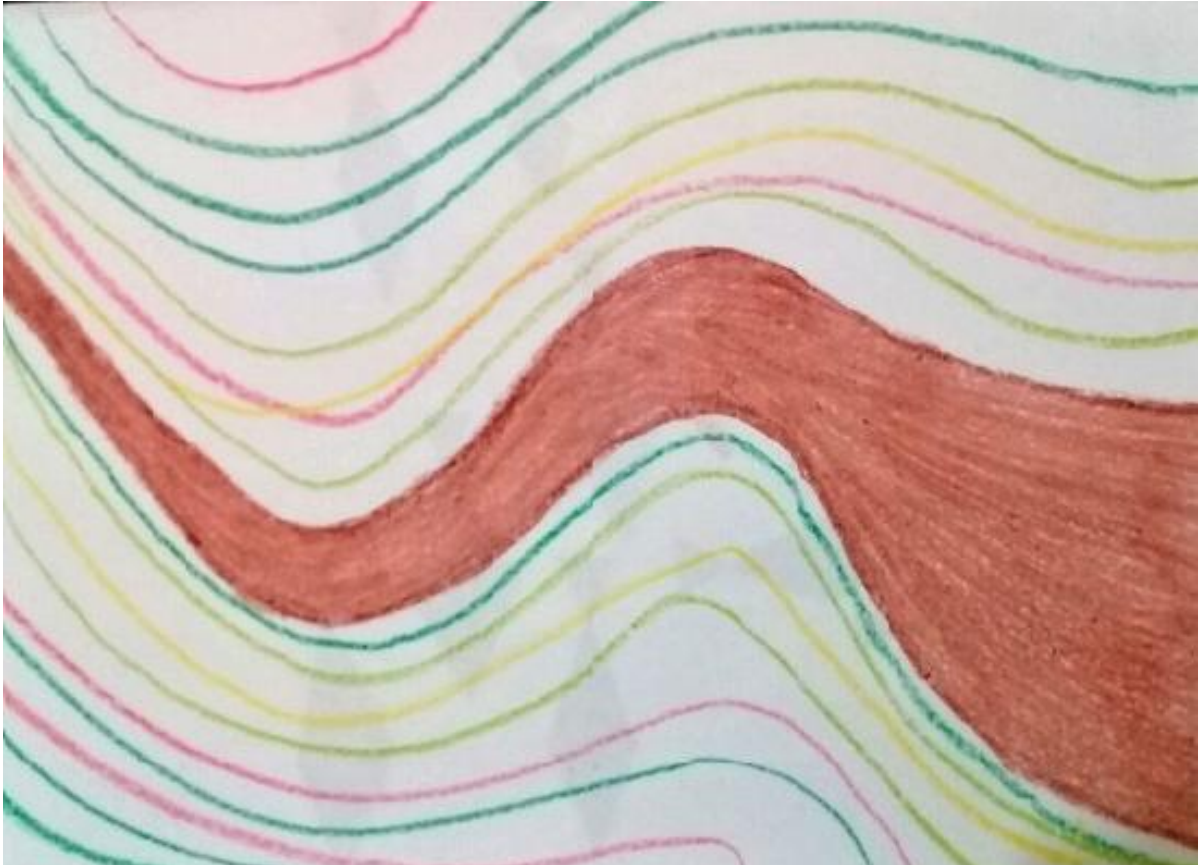
Percebi outro indício da minha poética ao olhar um desenho feito com lápis de cor (Imagem 2) tratando de deslocamento, desenvolvido em atividade da disciplina Fundamentos da Linguagem Visual II<sup>7</sup>.

---

comandante-em-chefe do Exército Vermelho vivia em Coyoacán. Um dos personagens mais fascinantes e trágicos do século XX, Trótski inspirou o poeta brasileiro Paulo Leminski, também seu biógrafo. O poema "O velho León e Natalia em Coyoacán". Disponível em: <<https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2015/08/21/nos-75-anos-da-morte-de-trotski-o-tributo-da-historia-em-poema-de-leminski/>>. Acesso em: 11. set. 2019

<sup>6</sup>Os haicais que introduzem os capítulos foram compilados do livro *Toda Poesia Paulo Leminski*.

<sup>7</sup> Professora Izabel Duarte.



**Imagem 2** - Linhas Sinuosas (2017). Desenho com lápis de cor s/ folha sulfite. 29 x 21 cm.  
Fonte: Acervo da artista.

Também é importante destacar que venho desenvolvendo nesse semestre um diagrama na disciplina Seminário II: Apreciação Estética<sup>8</sup>, e penso que pode contribuir para a pesquisa, visto que optei por trazer imagens de diversos trabalhos desenvolvidos em distintos períodos, inclusive os citados acima, ligando-os com um fio vermelho. Em alguns exploro o espelho, em outros junto rostosa emoções<sup>9</sup>. Nesse período inicial, trazia elementos tencionando alguns aspectos emocionais e por vezes refletindo o “eu como indivíduo” (Imagem 3).

---

<sup>8</sup> Professora Daniele Zacarão.

<sup>9</sup> As emoções são caracterizadas como sensações físicas ou emocionais sentidas pelo ser humano, provocadas por algum estímulo, como um sentimento ou um acontecimento. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/tipos-de-emocoes-humanas/>>. Acesso em: 11 nov. 2019.



**Imagem 3** - Diagrama: fotografias de trabalhos de períodos.  
Fonte: Acervo Pessoal.

Assim, conforme o processo dos trabalhos *Eu e Você* (2015), *Linhas Sinuosas* (2017) e o diagrama, consegui perceber com maior destaque os deslocamentos, a paisagem ligada à experiência do processo.



**Entro e saio**

**dentro**

**é só ensaio**



## 2 TRAVA INTERNA / METODOLOGIA

Demorou algumas semanas para compreender como meu emocional estava bloqueando o caminho da pesquisa. Percebi que precisava compreender como aconteceu, então passei a chamá-lo de “trava interna”. Foi ainda na adolescência, mais precisamente no ensino médio - por ser uma época difícil para alguns, decidir o próprio caminho, às vezes, não é algo fácil. E essa trava ainda se manifesta quando tenho dúvidas em meio a situações que envolvam alternativas, algo que por algum momento faz com que eu fique neutralizada.

Com a maturidade e maiores responsabilidades, foi preciso escolher o curso de graduação, e não me lembro de parecer hesitante na escolha do curso de Artes Visuais - Bacharelado. Porém, alguns fatores me levaram a trancar o curso na quarta fase. Foi um período difícil, mas retornei com coragem e determinação e atualmente estou na oitava fase, no Trabalho de Conclusão de Curso.

Depois de pensar e olhar meu portfólio, algumas ideias vêm motivando meus trabalhos ultimamente, que estão diretamente ligados ao deslocamento, compreendido como viagens breves com minha motocicleta *web*, com a qual me desloco na paisagem observando as residências, meu bairro (e vizinhos), avenidas e que me conduzem à universidade. A partir dessa compreensão e experiência do meu entorno, tive a oportunidade de realizar uma intervenção com balões, chamada *Declarações Flutuantes*, que será exposta ao final da pesquisa na Sala EdiBalod. Essa exposição aponta para o que Salles (2009, p.96) coloca: “as pessoas são receptivas a partir de algo que já existe nelas de forma potencial e que encontra nesse fato uma oportunidade concreta de se manifestar”.

A partir da percepção do meu portfólio, encontrei nas orientações de TCC<sup>10</sup> leitura de autores importantes para meu processo de criação. Assim sendo, meu problema de pesquisa é: como o deslocamento e as experiências na

---

<sup>10</sup> Professora orientadora Odete Calderan.

paisagem, entre as chegadas, partidas e deambulações se relacionam na escrita e produção artística?

Relativamente aos objetivos, busco compreender o processo artístico através de viagens breves percorrendo a paisagem, avenidas, ruas e bairros. E nos específicos: criar uma produção artística a partir dos deslocamentos interligado as chegadas, partidas e deambulações; refletir e escrever sobre o processo; e participar da exposição coletiva.

Minha pesquisa se inserena Linha de Pesquisa Processos e Poéticas: Linguagens, do curso de Artes Visuais- Bacharelado, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, situando-a como pesquisa narrativa, que:

deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana. Trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores (CLANDININ, CONNELLY, 2011, p.18).

Assim, com a escrita na primeira pessoa (Eu/artista), tenho como objetivo desenvolver a pesquisa que apresenta a minha trajetória de viajante que cultua a liberdade na minha motocicleta *web*, e através da qual venho estabelecendo vínculo afetivo com os lugares do meu bairro (e vizinhos) da cidade de Içara e rodovias (Alexandre Beloli, Antônio Just, Aristides Bolan, Jorge Lacerda e outras) adicionando experiências. Nos objetivos específicos: criar a partir dos acontecimentos de deslocamentos (paisagem, residência, rua e avenida); refletir e escrever sobre o processo; desenvolver a produção final e participar da exposição coletiva.

Minha escrita está organizada em capítulos e subcapítulos. Na introdução, intitulada “Motor de partida”, descrevo detalhadamente como a pesquisa se deu, e minha relação afetiva com as “entradinhas”, que foram fundamentais para o acontecimento desta narrativa. Dessa forma, um dos pontos mais especiais foi o presente que ganhei de meu pai, a *web*. Através dela, toda a minha poética acontece pelos deslocamentos diários programados e outros circunstanciais, compreendidos com Careri (2013) e sensibilizados com o poeta Paulo Leminski.

No segundo capítulo, “Trava interna / Metodologia”, ao dar início a essa escrita me vem as palavras *descobrir* e *esclarecer* a mente, dado que me colocaram novamente dentro do processo de criação com Salles (2009). Reorganizo os objetivos, refaço meu problema compreendendo-a como pesquisa narrativa, conforme Clandinin e Connelly (2011), e determino a organização dos capítulos referentes ao tema da investigação.

O terceiro capítulo, “Acendendo os faróis”, é o momento em que percorro com minha *web* a paisagem ligada ao trajeto já conhecido, onde coloco em evidência as sensações e pensamentos, que, aliás, tem seu início desde o momento em que saio da minha residência em Içara. Para sintetizar com mais ênfase a narrativa, recorro especificamente a dois autores: Pirsig (1984) e Onfray (2009).

No quarto capítulo, “Calibrando os pneus: processo de intervenção na paisagem”, o título carrega uma metáfora (como os outros) para rever todo o contexto de partes da sua investigação propondo criar, com base nas narrativas feitas através do deslocamento em meio à paisagem e à cidade. Procuro refletir com Baudelaire (1988), para melhor sintetizar o assunto de intervenção na paisagem, trago Mendes (2016), Maderuelo (2005), Terra e Dias (2018). Estabeleço em seguida conexões com as artistas Flavia Junqueira e Karina Dias a respeito de suas intervenções e o quanto foi importante conhecê-las, ajudando-me a compreender a intervenção *Declarações Flutuantes*.

E, no último capítulo, “A não chegada”, procuro sintetizar de maneira significativa tudo o que ocorreu durante a pesquisa, mencionando a importância da pesquisa narrativa em meu processo de criação e respondendo à questão da pesquisa. Não deixando de lembrar a motivação que me levou a compreender com maior clareza a minha poética e processo de criação, e com o piscar-alerta, novamente me encontro preparada para explorar outras paisagens com minha *web*.



**Achar  
a porta que esqueceram de fechar.**

**O beco com saída.**

**A porta sem chave.**

**A vida.**

### 3 ACENDENDO OS FARÓIS

A partir dos indicativos dos trabalhos realizados anteriormente com a ideia de paisagens ligadas aos trajetos, ocorreu-me que tenho um material considerável com as idas e vindas em minha moto *webem* viagens breves pelos bairros da minha cidade e mais distante até a universidade.

Tudo começa quando me preparo para sair de casa. Para isso, existe um pequeno ritual que inicio com a escolha das minhas roupas, que precisam ser confortáveis e quentes (conforme a estação do ano). Sempre faço uso de um casaco um tanto comprido, uma mochila com o material do curso, e, é claro, o capacete vermelho. Quando ganhei a *web*, fiz questão que o capacete fosse da mesma cor que o veículo (Imagem 4).



**Imagem 4** - Registro em frente à minha casa (2019).  
Fonte: Acervo da artista.

Para os viajantes de moto, mesmo para aqueles que realizam viagens curtas, os dias nunca são os mesmos: a sensação do vento no rosto, o sol na pele no meio da tarde e o contentamento ainda maior pela autodeterminação que um condutor de moto é capaz de sentir. Pirsig, em seu livro “Zen e a arte da manutenção de motocicletas”<sup>11</sup>, diz que:

na motocicleta, não há limites. Fica-se inteiramente em contato com a paisagem. A gente faz parte da cena, não fica mais só assistindo, e a sensação de estar presente é esmagadora. Aquele concreto zunindo a uns quinze centímetros da sola dos pés é real, é o chão onde se pisa, está bem ali, tão indistinto devido à velocidade que nem se pode fixar a vista nele; e, no entanto, para tocá-lo basta esticar o pé. A gente nunca se desliga daquilo que está acontecendo (PIRSIG, 1984, p. 10)

Entretanto, os caminhos do dia a dia normalmente não costumam ser percorridos com tranquilidade, e muitas vezes passam despercebida a paisagem, as casas, as pessoas. As viagens breves podem acontecer do bairro/centro ou centro/bairro, como o ir à *lanhouse* para imprimir alguns documentos, outras vezes fazer o pagamento de contas ou comprar material que por vezes falta. Diferente de quando estava trabalhando um pouco mais distante (era preciso acordar cedo e enfrentar o trânsito), o trânsito nem sempre é tranquilo, algumas vezes me atraso (pobre da minha *web*, praticamente voa comigo). Ao retornar a minha casa para almoçar, é preciso atenção redobrada, pois os motoristas dirigem de modo exacerbado ao meio-dia, tornando o trânsito perigoso.

Já faz oito anos que tenho a *web*, e, confesso, sempre fui um tanto “desligada” quanto a detalhes como levá-la a uma oficina mecânica para uma revisão. Por conseguinte, ela vem pedindo socorro. Só consigo ouvi-la quando está com o problema elevado, ou seja, algumas vezes ficamos na estrada com algum contratempo no motor ou um dos pneus acaba

---

<sup>11</sup>Zen e a arte da manutenção de motocicletas' é uma epopeia moderna que mudou a mentalidade de toda uma geração e continua servindo de inspiração a milhões de pessoas. Esta narrativa de uma viagem de moto feita por um homem e seu filho durante as férias de verão transforma-se numa odisséia pessoal e filosófica e trata de questões fundamentais do nosso modo de viver. Ecoando todas as confusões da existência, este clássico, emocionante e transcendente, tem por tema a própria vida. O volume traz ainda uma astuta introdução escrita pelo autor e um Guia de leitura que inclui uma entrevista com Pirsig, cartas e documentos que detalham o processo que deu origem a este livro extraordinário. [Sinopse do livro do PIRSIG].

furando pelo desgaste, precisando trocá-lo. Mas muito em breve pretendo levar minha *web* para uma revisão geral.

Nos dias chuvosos, saio da universidade ao final das aulas com chuva intensa. A sensação de estar numa suposta luta com nós mesmos é constante, já que a chuva, às vezes, causa-nos essa sensação fazendo com que se tenha muito mais cuidado. A viseira do meu capacete está arranhada e não me ajuda muito. Quando baixo a viseira, fica embaçado e quando levanto fico com meus óculos expostos sentindo a chuva em partes do meu rosto. Mas, juntas, eu e minha *web* enfrentamos a chuva e finalmente estamos em casa. Estaciono na área posterior da casa e tiro minha capa impermeável saturada de chuva, depois tomo meu banho, janto e penso em nós: *estamos em casa*.

Talvez no fim, tudo isso faça sentido, como indica o filósofo francês Michel Onfray ao falar da viagem como deslocamento que se transforma em autoconhecimento e que pode ser um regresso à própria casa, à terra natal: “[...] quantos desvios, e por quantos lugares, antes de nos sabermos em presença do que levanta o véu do ser” (ONFRAY, 2009, p. 75). O autor teoriza a viagem e exalta o viajante, coloca-o sempre disponível a aprender, a absorver outras experiências, a cultivar a liberdade e a independência.

Pensando em cultivar experiências, acabei obtendo um achado de importância para a pesquisa, um filme do diretor Walter Salles, chamado “Diários de motocicleta” (Imagem 5), que conta a história de Che Guevara antes de ele se tornar um revolucionário. Resumindo, a história se passa em 1952, quando Ernesto (Gael García Bernal) era apenas um rapaz argentino estudante de Medicina e ao lado do amigo Alberto Granado (Rodrigo de la Serna) resolvem seguir um sonho: o de viajar pela América do Sul. Então, os dois passam pela Patagônia, Andes, Macchu Picchu e pelo leprosário peruano (Ernesto estava se especializando em lepra) até a Venezuela<sup>12</sup>. O percurso seria feito graças à *La Poderosa*, uma moto de 1939.

---

<sup>12</sup>O longa ganhou o Oscar 2005 de melhor canção, com *Al Otro Lado del Río*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YK7C9lBxAPE>. Acesso em: 27 out. 2019



**Imagem 5** – Cena do filme “Diário de Motocicleta” 2004.

Fonte: <<http://temperosdecinema.com.br/temperos/o-jovem-che-guevara-em-diarios-de-motocicleta/>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

O filme inicia com uma fala de Ernesto: “esse não é um relato de façanhas impressionantes [...] mas esse vagar sem rumo por uma América maiúscula me mudou mais do que eu pensei. Eu já não sou eu. Pelo menos já não sou mais o mesmo em meu interior.” Ao ouvir essa frase, fiz questão de retornar alguns segundos e ouvi-la novamente com mais atenção, principalmente pelo fato de que Ernesto, em seu relato, diz que a jornada não possuía grandes façanhas, mas que o havia mudado notoriamente, já que o trajeto em si nos faz sentir emoções diversas. Penso que a aventura dos dois amigos no filme é a velha vontade de cultivar a liberdade e somar novas experiências pelos longos caminhos feitos de motocicleta.

O longa-metragem anteriormente citado me fez divagar sobre a minha história e o quanto estou mudando também como viajante, obtendo mais autonomia, e experiências, entre sair e retornar pelos mesmos trajetos com a *web*. É um tipo de vínculo que acabei criando com os lugares ao percorrer os bairros da minha cidade. Primeiro, entro na Alexandre Beloli e ando pela Antônio Just, todas as duas rodovias ficam em Criciúma. Sempre tratei a rodovia Antônio Just como uma estrada secundária, pois o trajeto todo não possui semáforos. Em seguida, vou pela Aristides Bolan para depois cruzar a Jorge Lacerda, todas pertencentes ao município de Criciúma, até chegar ao meu destino (Imagem 6).





**Imagem 6** – Fotografia percorrendo a Rodovia Antônio Just, Criciúma (2019).  
Fonte: Arquivo Pessoal.

Logo, imagino que todos os viajantes de motocicleta têm a mesma sensação, pois em deslocamentos estamos inteiramente expostos à paisagem, às curvas sinuosas, aos buracos ou fissuras no asfalto. Muitas vezes, é como andar numa montanha russa devido à má conservação das estradas. Mas isso não impede a percepção da paisagem em nuances iluminados pelos dias ensolarados, nublados e das noites iluminadas pelos faróis, o que ganha uma fantasmagoria misteriosa e cativante, causando-me um tipo de encantamento(Imagem7).



**Imagem 7** – Fotografia percorrendo a Rodovia Antônio Just Criciúma (2019).  
Fonte: Arquivo Pessoal.

Imersa em cenário real, “a gente nunca se desliga daquilo que está acontecendo”, como diz o autor Pirsig (1984, p. 10). Avisto as residências com as porteiros de madeira, algumas me chamam a atenção quando estão abertas instantaneamente me sinto convidada para entrar e percorrê-las vivenciando a essência do lugar; sinto que esses caminhos dialogam comigo. Outras, ao meu olhar não são tão amistosas. As porteiros fechadas me causam outro tipo de sensação, tornando-se menos convidativas, como tudo o que é fechado; porém, ainda assim continuo a admirá-las, porque mesmo trancadas possuem um encanto misterioso e instigante (Imagem 8).



**Imagem 8** – Porteira de madeira, na Rodovia Antônio Just, Criciúma (2019).  
Fonte: Arquivo Pessoal.



O olho da rua vê  
o que não vê o seu.  
Você, vendo os outros,  
pensa que sou eu?  
Ou tudo que teu olho vê  
você pensa que é você?

#### **4 CALIBRANDO OS PNEUS: PROCESSO DE INTERVENÇÃO NA PAISAGEM**

Com o passar das semanas, fui entendendo melhor o processo da pesquisa, uma vez que, percebi que não bastava ficar entre os livros e computador em casa; teria de viver ativamente essas experiências,

assumindo literalmente meu percurso. Nesse sentido, Merleau-Ponty (1999, p. 377) afirma: “a percepção espacial é um fenômeno de estrutura e só se compreende no interior de um campo perceptivo que inteiro contribui para motivá-la, propondo ao sujeito concreto uma ancoragem possível”.

Em meio às investigações lembrei-me de um poema que li e que cai positivamente na escrita. É do poeta Carlos Pena Filho<sup>13</sup>: [...] “entrar no acaso e amar o transitório”<sup>14</sup>.

Esse transitório, em torno dos deslocamentos que faço, é em grande parte de maneira planejada, no entanto, em outras vezes me permito contemplar a paisagem sem pressa, apreciando-a. Conseqüentemente, ganho conteúdo para a minha narrativa, diante das chegadas e partidas, visto quem muitas vezes procuro, por caminhos diferentes, “[...] fixar residência no numeroso, no ondulante, no momento, no fugidio e no infinito” (BAUDELAIRE, 1988, p.170). Desse modo, surgem outros desdobramentos a partir dos trajetos percorridos de maneira diferente.

Nesse transitório percebi mudanças na paisagem que observo todos os dias, a qual vem sendo urbanizada e conseqüentemente habitada, transformando e degradando os ambientes naturais por práticas econômicas visando ao mercado imobiliário e econômico.

Conforme Mendes (2016, p.38),

talvez essa preocupação com a paisagem seja um sintoma de uma sociedade que vive diversas crises no espaço que habita. A flagrante destruição do ambiente natural pelas práticas extrativistas, acúmulos de resíduos e demais conseqüências da industrialização em escala global agora tomam dimensões apocalípticas. Isso, juntamente com um processo de urbanização extensiva, com suas espacialidades e modos de vidas degradados, são paradigmas atuais da sociedade global.

Falar sobre paisagem é aparentemente um assunto trivial, mas que esconde ao seu fundo um tanto de complexidade. Quando falamos nela, nos vem à mente algo que consideramos bonito, podendo ser flores, montanhas, praias ou até paisagens humanizadas, que sofreram a modificação do homem, como essa, onde nos encontramos nesse instante. Para Maderuelo (2005, p.

---

<sup>13</sup>Carlos Souto Pena Filho foi um advogado, jornalista e poeta brasileiro, considerado um dos mais importantes poetas pernambucanos da segunda metade do século XX. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos\\_Pena\\_Filho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Pena_Filho). Acesso em: 06 nov, 2019.

<sup>14</sup>“A solidão a sua porta”. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/cpena01p.html>. Acesso em: 06 nov. 2019.

38), “a palavra paisagem [...] reclama também algo mais: reclama uma interpretação, a busca de um caráter e a presença de uma sensibilidade [...]”.

A intervenção na contemporaneidade, segundo dados do Itaú Cultural<sup>15</sup>, é entendida como prática artística no espaço urbano. A intervenção pode ser considerada uma vertente da arte urbana, ambiental ou pública, direcionada a interferir sobre uma dada situação para promover alguma transformação ou reação, no plano físico, intelectual ou sensorial.

Assim, minha proposta de intervenção na paisagem, intitulada *Declarações Flutuantes*, traz intenções nos próprios balões e na totalidade do cenário que se formam as ‘declarações’<sup>16</sup>, que pairam literalmente no ar, carregando consigo oscilações que ocorrem de acordo com as inconstâncias do soprar do vento.

Cogitei o uso dos balões para representar uma fuga do cotidiano, pensando nos dias estressantes nos quais não se dá prioridade para os momentos mais simples da vida. O balão normalmente é usado para festas de aniversários ou para qualquer outro evento significativo. Confesso que o título foi uma das últimas coisas em que pensei, porém, não foi menos importante. Ao denominar um título para a produção, pude pensar de maneira mais intimista sobre o motivo que me levou a realizá-la.

Os balões que carrego em ambientes distintos percorrendo as avenidas e bairros da cidade causam nas pessoas um contentamento e alegria. Foi impossível não perceber os olhares das pessoas que por ali transitavam, e todos sorriam vendo a cena. No meu processo artístico, a intervenção no cenário da paisagem com os balões compreendia ‘deambulação’, que, segundo o dicionário<sup>17</sup>, nada mais é que: o ato ou efeito de deambular; um passeio. No meu caso, a deambulação não se estabelece de maneira totalmente despreziosa, pois o ato de deambular me fez imaginar diversas possibilidades de criação, que segue um traçado das

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>. Acesso em: 01 nov. 2019.

<sup>16</sup> Segundo o dicionário: manifestação oral ou escrita, com ou sem testemunhas; anúncio, revelação; proclamação oficial; algo que se declara. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=dicion%C3%A1rio+on+line&oq=>

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.google.com/search?q=deambula%C3%A7%C3%A3o+significado&oq=deambula>. Acesso em: 01 nov. 2019.

avenidas e ruas, posto que tenho liberdade para escolher por onde me locomover.

Passado alguns dias, chamou-me a atenção uma rua na cidade onde residio que por sinal havia sido pintada com as sinalizações necessárias; achei que realizar a intervenção com os balões ali cairia muito bem. Meu objetivo era justamente intervir na cidade. Primeiramente, ocorreu-me percorrer um trajeto rural.

Para Terra e Dias (2018, p. 354):

[...] resultam em práticas artísticas, em que uma cidade-mundo se forma a partir do banal que nos olha. Nesse sentido, reconfigura-se o espaço habitado provocando desejos de ver e fazer do deslocamento no cotidiano a ocasião para experimentar a sua paisagem, como se a descobríssemos pela primeira vez, como um viajante que acessa a cada dia de sua jornada o desconhecido.

Após tirar muitas fotografias com ajuda de meu amigo Tailan<sup>18</sup>, percorrendo a paisagem em torno de bairros e avenidas, pensei em uma experiência com balões cheios de gás hélio, fazendo com que ficassem a uma altura imponente. Porém, antes de adquiri-los, minha preocupação foi com as cores, porque gostaria que se distinguíssem do ambiente; assim sendo, optei pela cor amarela. Fiquei imaginando como ficaria esteticamente nos registros - o contraste do amarelo no azul celeste do céu me interessa. Instantaneamente, lembrei-me de um haikai<sup>19</sup>, do poeta Leminski (2013, p. 312): “amar é um elo entre o azul e o amarelo” (Imagem 9).

---

<sup>18</sup> Amigo do curso de Artes Visuais - Bacharelado UNESC.

<sup>19</sup> O Haikai, também chamado de “Haiku” ou “Haikai”, é um poema curto de origem japonesa. A palavra *haikai* é formada por dois termos “hai” (brincadeira, gracejo) e “kai” (harmonia, realização), ou seja, representa um poema humorístico. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-haikai/>. Acesso em: 23 out. 2019.



**Imagem 9** – Intervenção na Rua Três Ribeirões, Içara (2019)  
Fonte: Acervo Pessoal.

Experimentar o deslocamento no cotidiano compreendido no texto como ‘deambulações’ foi uma bela aventura. Bela porque o simples fato de fazer o deslocamento com uma penca de balões torna o cenário bonito e, de certa maneira, cômico. Aproveito para mencionar que a cena deveria ter causado um estranhamento positivo ao espectador, pois penso que um amontoado de nove balões amarelos levitando no ar próximo ao centro da cidade não assustaria ninguém. E aventura pelo fato de eu estar em pleno trânsito, mesmo estando sem tanto tráfego na rua pela qual eu percorria; a circunstância exigia cautela de minha parte e de meu amigo, que realizava os registros (Imagem 10).





**Imagem 10** - Intervenção em trajeto da Rua Duque de Caxias, Içara (2019)  
Fonte: Acervo Pessoal.

Durante a pesquisa, deparei-me com a artista **Flavia Junqueira**<sup>20</sup>. Passei a prestar mais atenção nas séries da artista, que é Doutoranda em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Poéticas Visuais pela Universidade de São Paulo (USP), pós-graduada em fotografia e bacharel em Artes Plásticas pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). A artista integra o Ateliê Fidalga, sob coordenação de Sandra Cinto e Albano Afonso, além de apresentar trabalhos encantadores e instigantes.

Ao mesmo tempo, percebi aproximações entre nossos trabalhos a partir de um denominador comum, que não são somente os próprios balões, mas a sensação de silêncio que as nossas fotografias possuem com o deslocamento desse elemento trivial, criando uma nova cenografia acerca do cotidiano. Junqueira utiliza muitas vezes a casa ou lugar fechado, apresentando

<sup>20</sup>Disponível em: <https://flaviajunqueira.com/CV>. Acesso em: 05 nov. 2019.

possibilidades de reflexões sobre memória com o uso de elementos que remetam à infância e à imaginação, obtendo de fundo uma leve melancolia. Observa, também, no cotidiano situações e objetos que possam se tornar ficção, e muitas vezes ela mesma cria os cenários com um caráter fantástico por trás, ficando entre a realidade e ficção. (Imagem 11)



**Imagem 11** – “A Casa em Festa” (2010).

Fonte:<<https://www.zippergaleria.com.br/pt/artistas/flavia-junqueira/>>

Outra artista que conversa diretamente com meu trabalho é **Karina Dias**<sup>21</sup>, artista visual e professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, atuando na graduação e pós-graduação. É Pós-Doutora em Poéticas Contemporâneas (UnB) e Doutora em Artes pela Université Paris I – Panthéon Sorbonne. Quando descobri que sua pesquisa se dá através de paisagens e poéticas de viagens, fiquei instantaneamente apaixonada por conhecer seus trabalhos com intervenção na paisagem. Segundo a própria

---

<sup>21</sup>Disponível em: <http://www.karinadias.net/sobre/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

artista, em seu livro “Entre visão e invisão: paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)” diz que:

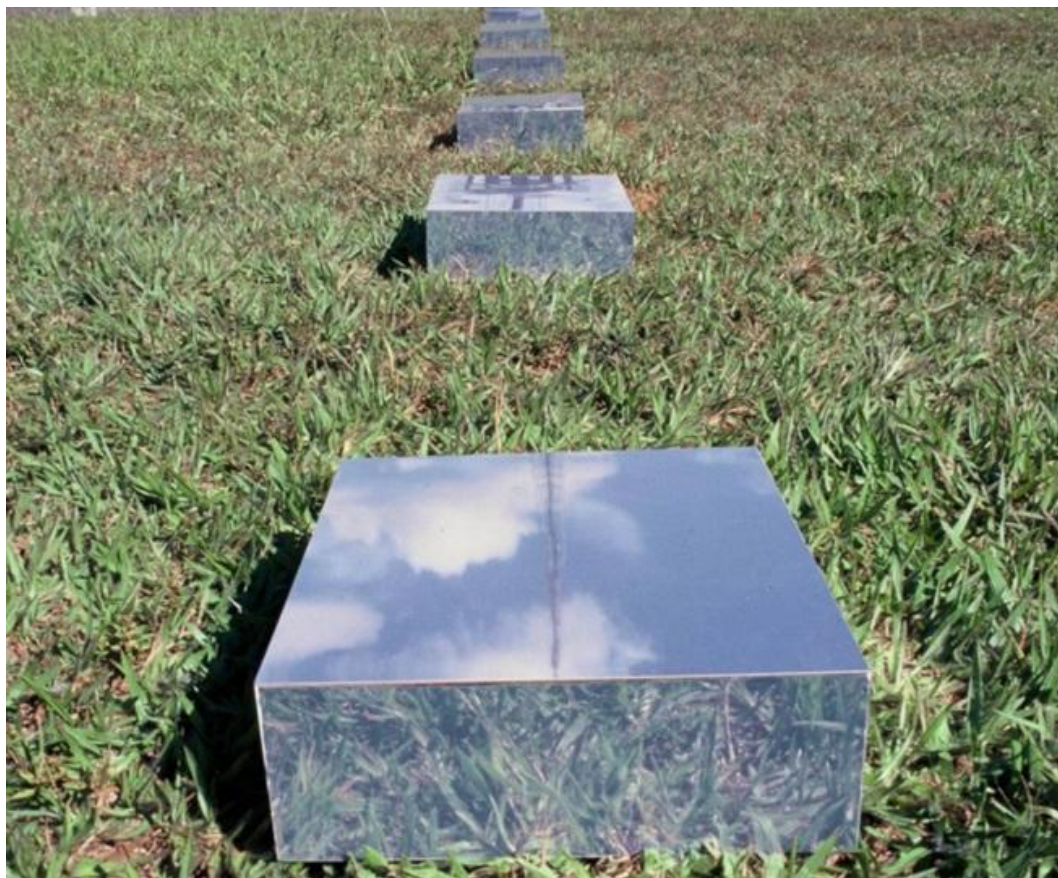
experimentar a paisagem no cotidiano seria, então, ativar um movimento do olhar — ver e não ver se articulariam, os pontos de não-visão, de um certo estado de cegueira se transformariam em invisão, em uma visão interna. E é nesta dialética entre ver e não ver, entre não ver e ver internamente que se constitui o que aqui nomeio de paisagem. Não se trata de ver tudo, de ver em panorama, mas sim de se aproximar para habitar, de detalhar para se situar, para olhar, no espaço de sempre, a diferença (DIAS, 2010, p. 239).

Dias (2010) ressalta ainda que através da trivialidade do dia a dia a paisagem acontece por meio de diferentes olhares, surgindo um deslocamento de percepções.

Logo depois de eu ler seus escritos fui pesquisar os seus trabalhos, contudo, especificamente um despertou minha curiosidade: uma intervenção intitulada *Trilha* (2002), constituída por vários blocos de madeira revestidos com espelho formando uma trilha, que se localiza num espaço no qual as pessoas costumam passar encurtando o caminho, inserindo-se no cotidiano de quem por lá passar. Na medida em que o espectador se aproxima dos blocos, ele estabelece novas conexões com o céu da cidade, consigo mesmo e com o próprio trajeto que se torna duplo por conta do reflexo que há com o espelho no meio ambiente. (Imagem 12,13)



**Imagem 12** – Trilha, de Karina Dias (2002).  
Fonte: <<http://www.karinadiaz.net/01-02-trilha.>>



**Imagem 13** – Karina Dias. Detalhe: Trilha (2002).  
Fonte: <<http://www.karinadiaz.net/01-02-trilha.>>

Por fim, devo mencionar que a conexão estabelecida com as duas artistas foi de extrema importância para ampliar meu olhar diante de minha própria pesquisa, pois ambas utilizam objetos aparentemente banais como balões inserindo-os em espaços cotidianos. O uso desses elementos faz com que exista uma nova história diante do olhar do espectador acerca da cena planejada. Minha intervenção se dá com os balões, mas com um dado a mais - conduz minha *web* por locais em que normalmente me deslocava provocando certo olhar do espectador para algo fora da realidade cotidiana. Assim, busco reativar o olhar para a paisagem, invalidando cenas rotineiras para que se possa adquirir um novo olhar para o habitual.

A seguir, apresento o convite da exposição coletiva intitulada IRREGULAR (Imagem 14), realizada na Sala Edi Balod, no período de 25 de novembro de 2019 e encerramento no dia 13 de dezembro de 2019.

# IRREGULAR

*Bianca Ricken*  
*Gianna Rech*  
*Gisele Gonçalves*  
*Helen Macedo*  
*Larissa Soares*  
*Leyne de Oliveira*  
*Tailan Borges*

**Exposição Coletiva dos  
 Trabalhos de  
 Conclusão do Curso  
 de Artes Visuais  
 Bacharelado**

**abertura:**  
 25/11, às 19h30

**visitação:**  
 até 13/12

**local:**  
 Sala Edi Balod  
 Bloco Administrativo - UNESC



**artesvisuais**  
 bacharelado . licenciatura



SALA EDI BALOD

**Imagem 14** – Convite da exposição. 2019.  
 Fonte: Acervo Pessoal.

A Intervenção *Declarações Flutuantes*, é composta de várias fotografias, 15x10 cm, dispostas lado a lado, as fotografias revelam deslocamentos por dois lugares, e que foram executados em dias alternados percorrendo ruas e bairros (Imagem 15).



**Imagem 15**–Montagem da Intervenção *Declarações Flutuantes* (2019).  
Fonte: Acervo Pessoal.

O registro fotográfico apresentado a seguir foi realizado durante a abertura da exposição coletiva IRREGULAR, realizada na Sala EdiBalod (Imagem 16).



**Imagem 16** – *Declarações Flutuantes*, 2019.  
Fonte: Acervo Pessoal.



**Imagem 17** - Com LeyneLiveira, Larissa Soares, Gisele Gonçalves, Bianca Ricken, Tailan Borges, GiannaRech e Helen Macedo (2019).  
Fonte: Acervo EdiBalod.



**Temporal**

**Fazia tempo  
que eu não me sentia  
tão sentimental.**



## 5 A NÃO CHEGADA

Chegando até aqui, hipoteticamente me dou conta de que a minha poética sempre esteve comigo, desde quando nos conduzíamos eu e minha família até meus avós maternos, sempre cultuando o deslocamento na paisagem e entorno como um todo.

Com a matéria de pesquisa em arte e vivenciando a experiência do TCC, percebi que poderia estabelecer um tema que tivesse conexão com os deslocamentos, trazendo os referenciais teóricos que me ajudaram a compreender e manter o foco no assunto tornando-o mais poético e preciso ao mesmo tempo. A escolha em elaborar a presente investigação de modo narrativo me oportunizou contar basicamente toda a minha trajetória em torno do processo e pesquisas que começaram com as “entradinhas”, e que com a experiência foram se modificando, redimensionando meu olhar para o deslocamento na paisagem natural e urbana que me cerca.

Não posso deixar de mencionar meu poeta favorito, Paulo Leminski, que desde o início demasiadamente me inspirou, e foi um agente reflexivo provocador das deambulações, mesmo que ainda inconscientemente no início da investigação.

Portanto, minha proposta, como tema *Deslocamento na paisagem: entre chegadas, partidas e deambulações*, chega então respondendo à minha questão de pesquisa, trazendo as experiências do entorno com a paisagem abrangendo as avenidas, bairros e situações do cotidiano das cidades que normalmente frequento: Içara e Criciúma.

Com este trabalho, comecei a sentir uma necessidade de não somente percorrer os trajetos costumeiros, mas sim de intervir na paisagem de alguma maneira. Foi o momento em que senti meus pensamentos artísticos aflorando com mais constância, por conseguinte, manifestando-se literalmente no ar. Na intervenção *Declarações Flutuantes*, propus uma nova percepção acerca do espaço que compreendo como transitório, e dessa maneira contemplei as questões da investigação trazendo as conexões com as artistas Flavia Junqueira e Karina Dias.

Diante da parada final, compreendo que minha pesquisa em torno de uma narrativa pessoal me oportunizou deslocar-me também interno. No entanto, não pretendo ficar estacionada aqui, já liguei o pisca-alerta; com o motor ligado e o olhar atento para o horizonte, estou pronta para a partida na minha *web* rumo a novas e possíveis deambulações.



**Liberdade**

**vento**

**onde tudo**

**cabe**

## REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. IN: COELHO, T. (Org.). **A modernidade em Baudelaire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.159-212.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiênciase história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- DIÁRIO DE **Motocicleta**. Produção de Walter Salles. Jr Latino-americana: Buena Vista Internacional, 2004. 1 DVD (128 minutos)
- DIAS, Karina. **Entre Visão e Invisão: Paisagem: Por uma experiência da paisagem no cotidiano**. Niterói - RJ: Ed. UNB, 2010.
- LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das letras, 2013.
- MADERUELO, Javier. **El Paisaje: génesis de un concepto**. Madrid: Abada Editores, 2005.
- MEIRELES, Cecília. **Crônicas de viagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- MENDES, Hernani Guimarães .**Acerca da paisagem**. Revista-Valise, Porto Alegre, v. 6, n. 11, ano 6, julho de 2016.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.
- ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Porto Alegre: L&M, 2009.
- PIRSIG, Robert M. **Zen e a arte da manutenção de motocicletas: uma investigação sobre valores**. Tradução Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: Processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2009.